

**Uma série literária voltada à formação das mocinhas brasileiras: *Ana Selva* (1974-1975), de Virgínia Lefèvre**

*A literary series aimed at educating young Brazilian girls: Ana Selva (1974-1975), by Virgínia Lefèvre*

Fernando Rodrigues de Oliveira

Amanda Topic Ebizero

**Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)**

Guarulhos-Brasil

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar as representações sobre o processo de formação das meninas mediante a identificação do projeto estético-pedagógico idealizado por Virgínia Lefèvre nos livros da série “Ana Selva”, publicados entre 1974 e 1975, pela Edições de Ouro (Editora Tecnoprint). Para isso, mediante uma abordagem histórica, centrada nas contribuições da História Cultural, analisa-se como nos seis livros que integram essa série se projetam representações sobre a educação e a formação feminina, mediante a modelagem do comportamento, das ações e dos sentimentos vivenciados por Ana Selva. Com isso, observa-se que Virgínia Lefèvre almeja por meio de sua escrita literária contribuir para a “evolução de caráter” de suas leitoras, assim como sua personagem-protagonista evolui ao longo das histórias.

**Palavras-chave:** Série Ana Selva; Formação feminina; Projeto estético-pedagógico.

**Abstract:** The objective of this article is to analyze representations of the process of educating girls by identifying the aesthetic-pedagogical project conceived by Virgínia Lefèvre in the books of the Ana Selva series, published between 1974 and 1975 by Edições de Ouro (Editora Tecnoprint). To this end, using a historical approach focused on the contributions of cultural history, we analyze how the six books in this series project representations of female education and development through the modeling of behavior, actions, and feelings experienced by Ana Selva. It can be seen that Virgínia Lefèvre aims, through her literary writing, to contribute to the “character development” of her readers, just as her protagonist evolves throughout the stories.

**Key-boards:** Ana Selva Series; Female education; Aesthetic-pedagogical project.

## Introdução

Na segunda metade do século XX no Brasil, na medida em que as mulheres passaram a assumir novos papéis sociais em decorrência das conquistas advindas do movimento feminista (Zolin, 2009), também a sua figura se tornou mais recorrente nas representações literárias de protagonistas, como forma de se (re)pensar os lugares ocupados por elas (e consequentemente pelos homens) em nossa sociedade. Também nesse momento histórico, as transformações sociais decorrentes da passagem de uma cultura essencialmente agrícola para uma cultura industrial e urbana, geraram em nossa sociedade um duplo movimento: de um lado, via-se os novos tempos como promissores e alvissareiros, indicativos de uma nova ordem social; de outro, a nova realidade era interpretada com preocupação, desconfiança e receio, pois a ruptura com certos pilares de nossa estrutura social, como a família e a escola, poderiam significar uma desestruturação completa.

Em face disso, no que concerne especificamente à literatura destinada a crianças e jovens, também se nota nesse período, especialmente a partir do início dos anos 1970, a coexistência de dois movimentos em torno da representação das crianças, especialmente das do sexo feminino. Numa linha bastante inovadora, surge uma literatura que rompe e questiona o modelo de infância feminina até então vigente (Lajolo; Zilberman, 2004); de outro, permanece a produção de uma literatura dentro dos padrões que se consolidaram nesse campo literário ao longo do século XX, apenas com uma releitura da figura das mulheres mediante o que se pode denominar de uma “modernidade conservadora” (Coelho, 2005).

No bojo desse cenário, encontra-se a publicação da série “Ana Selva”, escrita por Virgínia Mele da Silva Lefèvre e publicada pela Edições de Ouro (Editora TecnoPrint) entre 1974 e 1975. Essa série foi composta por seis livros – *Ana Selva* (1974); *Ana Selva na cabana de índio velho* (1974); *Ana Selva em perigo* (1974); *Ana Selva contra a doença* (1975); *Ana Selva, a rebelde em sociedade* (1975) e *Ana Selva e a pescaria* (1975) –, com destinação explícita às meninas em início da adolescência. O propósito da autora e da editora era que as narrativas de Ana Selva, uma menina “muito esperta e de espantosa imaginação”, pudessem contribuir para a “evolução de caráter” de suas leitoras, assim como a personagem-protagonista evoluía ao longo das seis histórias.

Desse modo, a partir de uma abordagem histórica, centrada nas contribuições da História Cultural tal como propõe Chartier (1990), objetivamos neste artigo analisar as

representações sobre o processo de formação das meninas mediante a identificação do projeto estético-pedagógico idealizado por Virgínia Lefèvre nos livros da série “Ana Selva”.

Conforme explica Chartier (1990, p.16-17 e 21), ao se tomar os impressos como meio para se identificar certas representações socioculturais, o que intentamos aqui é “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” Nesse sentido, as representações – “[...] entendida, deste modo, como relacionamento de uma imagem presente e de um objecto ausente, valendo aquela por este” – são determinadas pelos interesses dos sujeitos e dos grupos que a forjam, neste caso, por Virgínia Lefèvre e a editora que publicou seus livros, em estreita relação com suas percepções sociais e com os projetos de mundo que esses almejavam impor.

### **Virgínia Lefèvre: uma mulher de múltiplas facetas e um propósito educador**

Figura das mais importantes no campo da tradução e da adaptação literária para crianças e jovens, Virgínia Mele Pereira da Silva nasceu em 17 de julho de 1907, em São Paulo. Quarta filha entre nove irmãos, Virgínia adveio de uma família que integrava espaços privilegiados do contexto social paulistano e carioca, já que seu pai, Clodomiro Pereira da Silva, foi diretor do Departamento de Correios e Telégrafos no Rio de Janeiro e professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Mackenzie.

Talvez por isso, mesmo a educação feminina não sendo recorrente entre mulheres no início do século XX, Virgínia teve a oportunidade de acesso a escola, o que se iniciou no Externato São José<sup>i</sup>, na capital paulista, e se concluiu no Colégio Batista Brasileiro, no Rio de Janeiro. Também durante a infância e juventude, recebeu aulas de piano e desenvolveu fluência em outros idiomas, como inglês e francês.

Em 1926, após concluir os seus estudos no Rio de Janeiro, retornou a São Paulo e passou a lecionar no Externato Higienópolis. Alguns anos depois, em 1930, casou-se com Valdemar Lefèvre, engenheiro civil formado pela Escola Politécnica da USP, quando passou a assinar como Virgínia Mele da Silva Lefèvre.

Em decorrência de sua formação escolar e de sua aptidão para os estudos como autodidata, entre 1930 e 1940, Virgínia Lefèvre passou a traduzir e a adaptar obras consagradas da literatura infantil de origem europeia, ao passo em que atuava como professora e lecionava a disciplina História da Literatura Portuguesa e Brasileira<sup>ii</sup> na Associação Cívica Feminina<sup>iii</sup>.

*Uma série literária voltada à formação das mocinhas brasileiras: Ana Selva (1974-1975), de Virgínia Lefèvre*

Também nos anos 1940, Virgínia Lefèvre passou a investir na escrita literária autoral, tendo, em 29 de abril de 1942, o *Jornal do Commercio* (RJ) publicado a notícia sobre a sua participação no concurso literário “Ramos Paz” da Academia Brasileira de Letras. De acordo com a notícia, ela concorreu com a obra *Gota d'água*, contudo, não foi possível identificar a que gênero literário o texto pertencia. Também não foi possível localizar a informação sobre o resultado do concurso, o que é um possível indício de que ela não ganhou o prêmio. Ainda na década de 1940, ela escreveu alguns livros para a coleção *O mundo e suas maravilhas*, publicada pela editora Anchieta.

Como tradutora, adaptadora e escritora, Virgínia Lefèvre foi construindo, desde os anos 1930, uma carreira sólida e de bastante destaque e prestígio em todo o país. Dado que demonstra isso é o quantitativo de livros que ela teve publicado ao longo de sua vida. No total, pudemos identificar mais de 60 títulos em que consta a autoria ou a participação de Virgínia Lefèvre como tradutora e/ou adaptadora. Também reforça o prestígio de Virgínia Lefèvre no âmbito da escrita, das traduções e das adaptações literárias a publicação de uma notícia no jornal *Diário de Pernambuco*, em 10 de fevereiro de 1960, em que se afirma que ela, juntamente com Luiz Gonzaga Fleury e Condessa de Sègur, eram os autores mais procurados na Biblioteca de Casa Amarela. Não por acaso, em 1964 ela recebeu o *Troféu Bartira*, que a condecorou como uma das “10 mulheres mais atuantes em São Paulo em 1963”.

Todavia, não foi apenas no campo literário que Virgínia Lefèvre se destacou. Mulher de múltiplas atuações, entre 1945 e 1948, radiofonizou para a Rádio Excelsior passagens bíblicas, além de histórias originais e adaptações. Também se dedicou longamente à filantropia, tendo fundado em 1942, junto com um grupo de amigas, a Sociedade Pró-Educação e Saúde (SPES).

Essa entidade, mantida por meio de mensalidades pagas por associados e rendas de eventos populares, tinha como objetivos “[...] combater a ignorância, educar a classe desfavorecida para não precisar de caridade e elevar-se pelo próprio valor e pelo próprio esforço” (Lefèvre, s.d., p. 5). Inicialmente, esses objetivos deveriam ser alcançados por meio da criação de jardins de infância que assistiriam às crianças abandonadas. Por essa razão, ainda em 1942, Virgínia Lefèvre e seu grupo de amigas criaram, por meio da SPES, a chamada “Escola para crianças abandonadas”, que tinha como finalidade alfabetizar e capacitar moças

e adolescentes para os serviços domésticos, educação familiar e boas maneiras (Esteves, 2014).

O escopo de atuação da SPES e suas finalidades ganharam novos contornos a partir de 1945, quando Virgínia Lefèvre, presidenta da entidade, em uma viagem à Ubatuba, litoral norte de São Paulo, comoveu-se diante da carência das famílias caiçaras que conheceu. A partir de então, ela direcionou os trabalhos filantrópicos da SPES para o município de Ubatuba, sendo sua primeira ação no local a promoção de uma festa de Natal na Igreja da cidade.

Em um dos relatórios que produziu no âmbito da SPES, Virgínia Lefèvre explicou sua decisão de trabalhar com as caiçaras de Ubatuba:

[...] Quando visitei o município de Ubatuba, em 1945, senti uma atração fulminante pelo Caiçara. Lá estava o valioso material humano com o qual eu gostaria de trabalhar: ali estava o protótipo do Brasileiro com seus defeitos gritantes e com suas qualidades magníficas. Era um índio mal civilizado. Suas potencialidades para um progresso socio-econômico pareceram-me dignas do sacrifício de desenvolvê-las.

[...] Se fosse possível elevá-los pela educação sem alterar-lhe a personalidade ativa e essencialmente amiga da liberdade, seria maravilhoso (Lefèvre, s.d., p. 1).

Tendo o propósito de promover o progresso, a educação e a civilidade entre as crianças e as famílias carentes de Ubatuba, a entidade encerrou sua missão de criar jardins de infância na capital e migrou suas atividades para o setor de assistência direta às famílias ubatubenses, com o intuito de evitar que elas se “desintegrassem”. Para isso, Virgínia Lefèvre, por meio da SPES, investiu, primeiro, na promoção de casamentos civis e regularização dos registros de nascimento dos adultos e das crianças caiçaras. Consequentemente, também promoveu a regularização das propriedades dessas famílias.

Paralelamente a isso, a SPES, sob seu comando, também investiu na criação de centros sociais em forma de escolas, sendo o primeiro deles fundado em 1946, com o nome de Escola Mista, localizado no bairro de Itaguá, zona rural à época. A SPES custeava o uniforme, o material didático, o registro de nascimento das crianças, o tratamento médico e odontológico, o alimento (a chamada sopa escolar) e, inclusive, o aluguel da sala e o salário dos professores. Por muitos anos, essa escola de Itaguá contribuiu para a formação escolar das crianças caiçaras, além de oferecer uma formação ética e moral, cujo intuito era ensinar

*Uma série literária voltada à formação das mocinhas brasileiras: Ana Selva (1974-1975), de Virgínia Lefèvre*

os meninos e as meninas, “o futuro da nação”, a serem “úteis” a si mesmos e à pátria, conforme destacou o *Correio Paulistano*, em 1959:

EM FAVOR DO CAIÇARA – Fundada em 1946, a Escola do Itaguá, distante 4 kms de Ubatuba, vem prestando grandes serviços à população daquela zona litoral norte de São Paulo. Contando cerca de 100 alunos de ambos os sexos, divididos em três turmas, a Escola do Itaguá não se limita a dar-lhes instrução; vai além, prestando-lhes assistência alimentar, higiênica, moral e econômica, de modo a fazê-los úteis a si mesmos, à família, à comunidade e à pátria. Esse benemérito trabalho é realizado com perseverança e carinho pela Sociedade Pró-Educação e Saúde, presidida pela sra. Virgínia Lefèvre. (*Correio Paulistano*, 1959, p. 2).

Alguns anos após essa primeira investida na criação de escolas, na década de 1950, Virgínia Lefèvre, por meio da SPES, fundou em Ubatuba a Escola Mista da Praia de Caçandoca ou “Escolinha de Caçandoca”; a Escola Mista da Praia da Almada, que ficava a duas horas e meia da cidade de Ubatuba e funcionava em uma capela; a Escola da Praia de Camburi, na divisa com o Rio de Janeiro; e a Escola do Sertão de Ubatumirim, conhecido também como Sertão dos Dois Rios, que funcionou por poucos anos em função da falta de crianças para frequentá-la.

Para conseguir custear essas e outras ações da SPES, Virgínia Lefèvre utilizava-se de sua influência e participação na sociedade paulistana, mediante a promoção de eventos sociais e espetáculos beneficentes. Com isso, tendo como base a ideia de que “a educação era um pretexto e o serviço social era o fim” (Lefèvre, s.d., p. 3), em 1953 a SPES foi reconhecida como de utilidade pública estadual<sup>iv</sup> pelo trabalho social de grande relevância que havia sido prestado até aquele momento. Esse mesmo reconhecimento se deu novamente quase 20 anos depois, quando em 1972 a SPES foi reconhecida como utilidade pública Municipal<sup>v</sup>.

Com o passar dos anos e com as mudanças que foram ocorrendo no campo educacional, especialmente no que concerne à legislação para os sistemas de ensino, a SPES foi perdendo o controle das escolas que criou, passando a atuar mais no campo do trabalho artesanal com a criação de oficinas para esse fim. Disso, decorreu, em 1975, a criação de uma Pré-Cooperativa de produção de artesanato, com 22 cooperadores e, à época, 100 aprendizes.

Ao que indica a documentação produzida por Virgínia Lefèvre durante os anos em que ela conduziu a SPES, o seu trabalho filantrópico nessa entidade seguiu até o final dos anos 1970, uma vez que não há mais registros nessa direção. Isso pode ter relação com o

falecimento do esposo de Virgínia Lefèvre em 1975, ou, ainda com o próprio processo de envelhecimento dessa escritora, tradutora, adaptadora, professora e filantropa, que veio a falecer em 1987, aos 80 anos de idade.

### “Ana Selva”: uma série literária no âmbito de uma coleção escolar

Como permite observar os dados aqui apresentados sobre a trajetória profissional de Virgínia Lefèvre, ao longo de sua vida ela foi acumulando um conjunto de experiências e vivências, responsáveis por compor a sua visão de mundo, em especial no que tange a sua compreensão sobre educação das crianças. De certa forma, pode-se dizer que ela, a partir das diferentes frentes em que atuou socioculturalmente, buscou consolidar um certo projeto de formação da infância e da juventude alinhada a essa visão, que no caso específico da sua escrita literária se deu mediante leituras que instruem, educam e servem de exemplo para a formação ética e moral dos pequenos e dos jovens.

Exemplo disso está no investimento que ela fez em seu último projeto autoral de escrita literária para crianças e jovens, a série “Ana Selva”, editada entre 1974 e 1975 pela Edições de Ouro (Editora Tecnoprint) e composta por seis livros: *Ana Selva* (1974a); *Ana Selva na cabana de índio velho* (1974b); *Ana Selva em perigo* (1974c); *Ana Selva contra a doença* (1975a); *Ana Selva, a rebelde em sociedade* (1975b) e *Ana Selva e a pescaria* (1975c).

Figura 1 – Capas dos livros que compõem a série “Ana Selva”, publicada pela Edições de Ouro – Coleção Calouro (1974 e 1975)



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

A publicação desses seis livros se deu no âmbito da Coleção Calouro, idealizada pela Edições de Ouro por meio de “[...] obras escritas por *autores brasileiros contemporâneos*, seja de enredos originais, seja sobre enredo central de grandes clássicos universais [...] nas quais ressaltam o estilo e o gênio criativo do escritor brasileiro”. (Lefèvre, 1974a). Essa coleção foi lançada em maio de 1974, com 12 títulos<sup>vi</sup> iniciais, todos em formato de bolso para baratear os custos e se adequar aos novos padrões escolares.

*Uma série literária voltada à formação das mocinhas brasileiras: Ana Selva (1974-1975), de Virgínia Lefèvre*

A escolha do nome da coleção, bem como suas características editoriais e os títulos que a compuseram tiveram relação direta com o alinhamento da Tecnoprint às mudanças no campo educacional brasileiro decorrentes do estabelecimento do ensino obrigatório de oito anos a partir da Lei Federal n. 5.692, de 1971, que também visava a atender às prescrições de uso da literatura brasileira como dispositivo de ensino de comunicação e expressão, também em decorrência dessa Lei. Nessa direção, explica Labanca (2009) que a Tecnoprint

[...] estava atenta aos avanços do sistema educacional do país, pois sabia que seu sucesso dependia do pleno funcionamento daquela estrutura. [Assim] a editora fazia grandes investimentos em pesquisas de mercado, tendo organizado inclusive um setor de consulta aos professores. A editora dava diversos livros aos professores e, em troca, ganhava valiosas informações sobre os títulos que os mestres adotavam ou pretendiam adotar em sala de aula. [...] cientes dos títulos adotados pelas escolas e focados em colocar no mercado todas essas obras a preços muito baixos, os diretores da *Tecnoprint* tinham em mãos um esquema bem organizado para fazer com que as *Edições de Ouro* fosse a coleção recomendada pelos mestres aos seus alunos. (Labanca, 2009, p. 186).

A partir desse alinhamento da Tecnoprint com as demandas educacionais, a Coleção Calouro foi estruturada mediante algumas estratégias editoriais específicas, como a disponibilização de material de apoio aos professores, considerados os principais aliados desse projeto editorial da Edições de Ouro. Com isso, os livros da Coleção continham em seu miolo uma ficha a ser preenchida pelo professor da turma, de modo a solicitar gratuitamente o envio do “Jornalzinho da Classe”, que era distribuído quatro vezes ao ano para as classes que o solicitassem. Nessa ficha, o professor respondia quantos jornaizinhos queria para distribuir entre seus alunos e informava o seu nome, o nome da escola, a cidade etc.

Do ponto de vista literário, a principal característica dos livros escolhidos para integrar a coleção foi a adoção daqueles que tinham “linguagem simplificada”, condizentes com cada etapa escolar a que se destinavam. Também se privilegiava escritores premiados ou de destaque nacional. Isso foi o que possivelmente levou a inserção dos livros que compõem a série “Ana Selva”, de Virgínia Lefèvre, a integrar a coleção. Segundo consta na publicação de um dos livros dessa série na Coleção Calouro, eles apresentam

[...] estilo leve, por vezes, ingênuo, chegando mesmo a alcançar um brilho singular. **Além de distrair, ensinam divertindo, mostrando à criança a vida no interior do Brasil: hábitos e aspectos sociais da região. Focaliza, num admirável crescendo novelesco, a formação do caráter da menina Ana Selva,**

seu relacionamento com os pais, amigos e serviçais. (Lefèvre, 1974a, s.p., grifos nossos).

Vê-se que as razões para a publicação dos livros da série “Ana Selva” pela Edições de Ouro se ancoraram no alinhamento entre um estilo literário simples, que encanta, distrai, diverte e promove um certo “brilho singular”, ao mesmo tempo em que ensina valores, hábitos e saberes necessários à formação do caráter dos leitores. Isso demonstra certa confluência entre a escrita literária de Virgínia Lefèvre nos livros da série “Ana Selva” e os propósitos da educação escolar da época, que tinham na literatura infantil, como explica Oliveira (2015), uma de suas ferramentas para promover a formação da “mente sã” e moldar o caráter e a personalidade infantil, tendo em vista o papel que os pequenos deveriam desempenhar quando adultos.

### **A série e seus enredos**

Destinados às meninas com idade entre 9 e 14 anos<sup>vii</sup>, os livros que compõem a série “Ana Selva” narram um conjunto de acontecimentos em torno da personagem principal, Ana Selva, uma menina de 11 anos, “encantadora e inteligente”, porém, “não muito amiga da disciplina” (Lefèvre, 1974, p. 20-21). Filha do casal Roberto e Amélia, pilares da família Melo Ribeiro, Ana Selva vive numa chácara, no interior do estado de São Paulo, e é conhecida por ser irrequieta, espontânea, curiosa, mimada, rebelde, sempre suja e despenteada, mas com um bom coração.

Dadas essas características, Ana Selva é vista como uma garota que precisa mudar o seu comportamento para poder viver bem em sociedade. Por conta disso, seus pais passam a cuidar de Julieta, uma menina rica, órfã, estudiosa, educada, cuidadosa, bem arrumada e oriunda da cidade, a qual serviria de bom exemplo para Ana Selva. Todavia, a relação entre as duas acaba se tornando o mote para alguns conflitos, pois Ana Selva passa a sentir ciúmes de Julieta e cria uma inimizade com a “irmã”. Enquanto Julieta faz de tudo para agradar e ser amiga de Ana Selva, esta faz de tudo para provocar e expressar seu descontentamento em relação à Julieta.

Esse mote, que perpassa os seis livros da série do ponto de vista da estruturação narrativa, apresenta certo hibridismo de gêneros, que permite classificá-los como romances de formação, *bildungsroman*, ao mesmo tempo em que apresentam traços de romances de costumes. Isso se deve ao fato de que os seis livros retratam o amadurecimento e o

*Uma série literária voltada à formação das mocinhas brasileiras: Ana Selva (1974-1975), de Virgínia Lefèvre*

crescimento socioemocional de Ana Selva, como um processo formativo progressivo em direção ao ajustamento da protagonista a um modo de ser mulher. O resultado disso é a mudança psicológica e comportamental de Ana Selva, com a consolidação de sua “evolução de caráter” (Lefèvre, 1974b, p. 1). Na medida em que essa mudança se dá, os livros também retratam valores morais e costumes da sociedade da época, como forma de exemplificar qual deveria ser o comportamento da protagonista. Em face disso, as seis narrativas se desenvolvem de maneira interligada, mas não necessariamente dependentes entre si, como se vê no enredo específico de cada um.

No primeiro livro, *Ana Selva* (1974a), o enredo se desenvolve praticamente todo na chácara em que vive a protagonista. Roberto, o irmão gêmeo de Ana Selva, vai para a cidade estudar no Colégio Interno dos Beneditinos e Lúcia, irmã mais velha, e Ana Selva passam a ter aulas em casa com a preceptora Isaura. Ana Selva sempre chega atrasada às aulas, quando não, está despenteada e suja. Dedicar-se nos estudos somente quando o assunto é de seu agrado, motivo que a faz ser vista pela professora como rebelde. A mãe de Ana Selva, dona Amélia, expõe o problema da filha ao marido e propõe trazer uma “companheirinha estranha” (Lefèvre, 1974a, p. 26) para estudar com as filhas, alguém que fosse bem-educada e servisse de exemplo no que tange à disciplina, educação, bons modos. Com isso, adotam Julieta, que passa a morar com a família. O resultado disso é o ciúme de Ana Selva em relação à Julieta, uma vez que a família e os empregados estão focados em fazer com que a nova hóspede se sinta à vontade, melhore da depressão, coma e mude o seu jeito introspectivo de ser.

O segundo livro, *Ana Selva na cabana de índio velho* (1974b), tem um enredo mais dinâmico, pois não está centrado somente nos sentimentos de Ana Selva e no seu processo de mudança (apesar de esse ser o objetivo). Nessa narrativa, Julieta viaja a Minas Gerais para visitar uma ex-babá, porém, Ana Selva permanece incomodada e enciumada em relação a ela. O pai da protagonista decide construir uma piscina para as crianças e a inauguração torna-se motivo de grande festa, que faz com que o irmão de Ana Selva, Roberto, volte para a chácara para o evento. Apesar de a inauguração da piscina ser motivo de muita alegria, Ana Selva apresenta ainda certo comportamento antissocial, necessitando desenvolver “traquejo social”, isto é, “[...] saber comportar-se no meio de gente estranha... aprender a dizer palavras amáveis... nem sempre se pode dizer o que se pensa... ter modos bonitos...” (Lefèvre, 1974b,

p. 158). Também no desenrolar dessa narrativa, Ana Selva faz uma visita ao “índio velho”, o senhor Benedito da Silva. No caminho para a casa dele, Xodó – o cachorro de Ana Selva –, é mordido por uma cobra. Índio velho, por meio de seus conhecimentos naturais, limpa e trata do ferimento do animalzinho com uma “erva de cobra”, folha de uma trepadeira.

No terceiro livro, *Ana Selva em perigo* (1974c), Lúcia, irmã mais velha, e D. Isaura, a preceptora, vão para São Paulo, a um batizado. Julieta ainda está em Minas Gerais. Ana Selva fica “sozinha” na chácara, o que lhe rende muitas ideias na cabeça para ter o que fazer: conhecer o local da piscina e saber como se faz uma; visitar o Índio Velho e seu neto, Jorginho; almoçar com a Zefa; ir à casa do Catulé etc.

O enredo do quarto livro da série, *Ana Selva contra a doença* (1975a), enfoca o processo de recuperação de Ana Selva que fica doente, de cama, por cerca de seis semanas. Por ser uma doença contagiosa, hepatite, Ana Selva tem contato apenas com Dr. Arnaldo e algumas poucas pessoas que vivem na casa. O cachorro, as meninas, os empregados, todos sentem falta da alegria contagiante da menina, apesar das travessuras. Nessa narrativa, Julieta tenta o tempo todo agradar a Ana Selva. Por ser uma menina estudiosa, amante dos livros, passa horas na biblioteca de dr. Urbano procurando livros que pudessem distrair a protagonista, além de lê-los, ainda os adaptava, pois sabia que Ana Selva não iria gostar de livros com linguagem “antiquada”. O que se retrata, de modo geral, é o fato de a recuperação de Ana Selva também simbolizar parte de seu processo de amadurecimento, representado por comportamentos, como: gostar de ficar sozinha, fazer crochê e tricô, não reclamar e não ficar impaciente. Inclusive, tem conversas profundas com Padre Anselmo a respeito da vida e deixa de sentir ciúmes de Julieta, que passa a estimar, sem inveja e rivalidades.

No penúltimo livro da série, *Ana Selva, a rebelde em sociedade* (1975b), o enredo se centra na presença das hóspedes da família Melo Ribeiro e em como Ana Selva lida com toda essa gente da cidade em sua casa: tio Xandoca, tia Laura (irmã de Urbano), as primas Magda e Marisa, e os amigos de Roberto: Quinzinho e Chicão. Dona Amélia torcia para que Ana Selva se comportasse bem de modo a não causar má impressão nos hóspedes. O pai, ao contrário, defendia a menina, alegando que não dá para forçar uma pessoa a ser o que não é. Ana Selva tenta ao máximo se comportar e impressionar a tia e as primas, mas não consegue se segurar por muito tempo. A menina conhece a Quinzinho, amigo de Roberto, com quem desenvolve uma afinidade muito grande logo de cara. Chicão, o outro amigo, é um galanteador, fica o

*Uma série literária voltada à formação das mocinhas brasileiras: Ana Selva (1974-1975), de Virgínia Lefèvre*

tempo todo perto de Lúcia e de Marisa, a prima. Enquanto as coisas vão acontecendo, a narrativa vai demonstrando que Ana Selva está mudando, está amadurecendo: “[...] lá em cima, Ana Selva estava enchendo de algodão uma boneca de pano. Ela agora almoçava antes de todos. Tinha pedido para ficar sozinha, alegando à mãe, com muito juízo: ‘Preciso ser independente. Já não sou mais criança.’” (Lefèvre, 1975b, p. 26).

O último livro da série, *Ana Selva e a pescaria* (1975c), enfoca a ida de Quinzinho e Roberto à praia. Diferentemente dos livros anteriores, Ana Selva não está ‘protagonizando’ as ações, pois é o irmão e o amigo que vivem as aventuras narradas no litoral e a menina ainda se recupera da hepatite. Apesar de Ana Selva não ter ido à praia, Quinzinho relatou em um diário para a amiga tudo o que viveram nos dias em que estiveram lá e todas as aventuras pelas quais passaram. Enfoca-se, nesse sentido, a rotina, os costumes dos povos caiçaras, os nomes das coisas, os animais etc. Na medida em que os meninos retornam de viagem, a narrativa passa a demonstrar o que pode ser chamado de “princípio de um romance adolescente”, uma vez que Quinzinho está apaixonado por Ana Selva, que nada percebe por não ter essa “malícia”. Por fim, o livro enfatiza o desenvolvimento físico, a mudança comportamental e o amadurecimento de Ana Selva, tendo seus pais alcançado o objetivo que tinham com a educação da filha:

D. Amélia tinha razão. Ana Selva estava mudada. Ainda tinha seus rompantes de moleque travesso, mas eram cada vez mais raros. Agora, já tinha paciência para ler livros grossos e de letra miúda. Já apreciava os momentos de solidão para pensar na vida. Aquela história de fazer bonecas de panos para dar aos pobres despertara nela o gosto pelos trabalhos manuais... (Lefèvre, 1975c, p. 169).

### **Um projeto estético-pedagógico para a formação das meninas**

Na medida em que Virgínia Lefèvre estrutura as narrativas dos seis livros que compõem a série “Ana Selva”, evidencia-se na sua escrita um projeto estético-pedagógico focado na formação específica do público feminino em idade escolar, mediante representações de modos de pensar, sentir, querer, agir e comportar-se em favor de um modelo de mulher para a sociedade da época. Conforme explica Pondé (2018),

[...] a representação supõe um processo de adesão e participação semelhante ao da crença. Partilhar uma ideia, uma linguagem, é também confirmar uma ligação social e uma identidade. As representações coletivas traduzem o modo pelo qual o grupo pensa a si mesmo e as relações com os aspectos que o afetam. Ao comentarmos o modo com que um texto trabalha

as representações, inferimos as suas intenções de reforço ou contestação da ideologia dominante, para a inscrição social dos indivíduos: o lugar e a função que ocupam nas narrativas determinam os conteúdos representativos e sua organização. (Pondé, 2018, p. 65).

Nessa direção, as representações que caracterizam esse projeto estético-pedagógico de Virgínia Lefèvre têm centralidade em alguns elementos do cotidiano das meninas que figuram na narrativa, em especial de Ana Selva, perpassando a educação escolar, a definição de papéis para homens e mulheres e a transmissão de valores sobre a família e casamento.

Em relação à educação escolar, os livros de série são repletos de passagens que se voltam à transmissão de conteúdos escolares, como forma de, ao mesmo tempo em que se representa o processo de aprendizagem das personagens, ensina o leitor sobre assuntos e coisas importantes para sua escolarização. Exemplo disso é a “aula” sobre charuto, tabaco, nicotina, fertilidade do solo, contida no segundo livro da série, numa conversa entre os pais de Ana Selva:

- Mas esta história do charuto brasileiro é interessante... – Se é! Você sabe que o tabaco foi levado do México para a Europa por ordem do rei Felipe II da Espanha, em 1558... – Não sabia deste detalhe. – Sabe por que se chama nicotina à substância do tabaco? – Isso eu sei! Foi Jean Nicot, um francês, embaixador em Portugal, que levou sementes da planta para a rainha Catarina de Médicis. De Nicot vem nicotina. E a planta era considerada uma erva santa, verdadeira panacéia! – Panacéia, hein? Um vício espalhado pelo mundo desde o século dezessete, no tempo da rainha Elizabeth da Inglaterra. – Mas... e o charuto brasileiro? – É mesmo! Urbano I foi aos Estados Unidos buscar sementes em Maryland ou Virgínia, não sei bem. Descobriu que o tabaco dá-se bem em qualquer parte do mundo, desde que a terra tenha húmus e seja bem tratada. Aprendeu nas fazendas do sul dos Estados Unidos como fazer os viveiros e, depois, transplantar etc... Contam que os escravos brasileiros riam-se do Sinhô Velho quando ele mandava protegerem a flor do fumo em saquinhos de papel... Mas os resultados foram magníficos charutos brasileiros... (Lefèvre, 1974b, pp. 8-9).

Ainda na mesma conversa, o leitor se depara com uma “aula de história” a respeito da vinda dos portugueses ao Brasil, que enfatiza os colonizadores como heróis e salvadores da pátria:

Estou me achando muito parecido com os primeiros colonos portugueses que vieram para o Brasil. Nenhum deles teve ideia de ser um grande proprietário rural. Não tinham amor a terra ou à agricultura. Eram muito mais aventureiros e comerciantes. Mas como o Brasil não era rico como a Índia e aqui não havia especiarias para negociar, os coitados se limitaram à fácil horticultura e ao doce pastoreio. No Brasil, só havia terras e homens em

*Uma série literária voltada à formação das mocinhas brasileiras: Ana Selva (1974-1975), de Virgínia Lefèvre*

estado selvagem. E, como o português não gostava de comer farinha de mandioca, milho, frutas, caça do mato ou peixe, não teve outro jeito senão fazer-se agricultor. Assim sou eu, direitinho! (Lefèvre, 1974b, p. 13).

De modo geral, esse estreitamento entre as narrativas protagonizadas por Ana Selva e a transmissão de certos saberes escolares se dá de maneira leve, por intermédio de passagens que representam conversas despreziosas ou mesmo diálogos divertidos. Em alguma medida, pode-se dizer que isso representa uma certa visão de educação de Virgínia Lefèvre, alinhada a certos pressupostos educacionais da época, calcados na ideia de uma escola ativa, protagonizada pelas crianças e centrada na relação entre experiência e desenvolvimento intelectual. Inclusive, quando a família contrata uma preceptora para cuidar da educação de Ana Selva, essa propõe a adoção de um modelo de ensino fora dos padrões da escola tradicional:

Se a senhora concordar, D. Amélia, eu gostaria de dar ao ar livre as aulas do período da manhã. À tarde ficaremos dentro de casa, na biblioteca. Eu também trouxe alguns livros interessantes. Tenho o meu próprio método para ensinar História e Geografia. Em vez de decorar datas e quilômetros e áreas, as crianças sempre *preferem conhecer a vida das pessoas...* Uf! Que alívio! Aquela não era como as professoras da Escolinha da Vila! Decorar e decorar e decorar... (Lefèvre, 1974a, pp. 18-19).

Apesar, porém, de as narrativas de Ana Selva apresentarem essa visão mais moderna e atualizada sobre educação, especialmente no que se poderia considerar o método adotado para se ensinar, Virgínia Lefèvre reforça um modelo de educação diferenciado entre meninos e meninas. Essa distinção se inicia com o modo de se ofertar a educação a ambos os sexos em níveis mais avançados de estudo: ao concluir a escola primária, cursada na vila onde a chácara da família se situa, o irmão gêmeo de Ana Selva vai para a capital para continuar os estudos em um internato. Por outro lado, a protagonista permanece na chácara, a exemplo do que já havia ocorrido com sua irmã mais velha, para, junto da família, especialmente sob o olhar da mãe, ser educada por uma preceptora.

A diferença na forma de se garantir a continuidade da escolarização entre Ana Selva e seu irmão é indicativa da diferenciação da finalidade educacional para meninos e meninas. Enquanto a narrativa do primeiro livro da série advoga que Roberto precisa dar continuidade aos estudos no internato para conquistar uma profissão liberal, para Ana Selva o sentido da

educação escolar está ligado à mudança comportamental e à preparação para a vida adulta, o que envolve a capacidade de socializar-se, a maternidade e os cuidados com o lar.

Essa preocupação, de que a protagonista precisa, à despeito de sua personalidade, aprender a viver em sociedade e ajustar seu comportamento aos padrões do que se espera de uma menina é bastante recorrente nos seis livros da série. E isso é função do processo de escolarização, daí a contratação da preceptora, responsável pela educação de Ana Selva, após esta ter aprendido a ler, escrever e contar na escola primária.

A menina é muito irrequieta e fala demais. No meu tempo, aprendi a respeitar os mais velhos e ficar calado antes que me dirigissem a palavra. Mas, francamente, eu gostaria que Ana Selva conservasse a espontaneidade. Ela não é propriamente desobediente. [...] Amélia, converse com a professora. Diga-lhe que quero que Ana Selva conserve a espontaneidade... que se sinta feliz, sem inibições... desde que cumpra seus deveres, é claro! (Lefèvre, 1974a, p. 26).

Mas somente a professora não é suficiente para que Ana Selva se enquadre nos padrões sociais do ser mulher educada. É preciso que ela conviva com pessoas que lhe sirvam de exemplo, que demonstrem a ela, diariamente, como uma menina, em processo de formação e transformação, deve se portar na vida em coletividade. Disso advém a figura de Julieta, “irmã adotiva” de Ana Selva, que representa nas narrativas o modelo ideal de menina/mulher.

Como é a tal Julieta? – Sempre bem arrumada... cuidadosa com o penteado... faceira... As governantes eram duronas! Diz o Padre Anselmo que Julieta é muito ordeira em suas coisas... Vai ser um exemplo para nossas filhas... (Lefèvre, 1974a, p. 29).

Esses aspectos reforçam também a diferença do papel social a ser desempenhado entre meninos e meninas. Se aos homens cabem o trabalho, para as mulheres resta os cuidados com o lar. Quando muito, as mulheres, a exemplo da preceptora, podem lecionar, desde que isso não afete suas obrigações domésticas e as tire desse espaço mais restrito de circulação.

Uma passagem que exemplifica bem esse aspecto está no último livro da série, quando o irmão e o amigo de Ana Selva se aventuram pelo litoral de São Paulo enquanto ela, protagonista da série, permanece na chácara. Interessante notar que quem vive a principal aventura da série não é a protagonista, mas as personagens secundárias do sexo masculino, que apenas contam para Ana Selva o que viveram entre as caiçaras. Isso se dá porque pescar,

*Uma série literária voltada à formação das mocinhas brasileiras: Ana Selva (1974-1975), de Virgínia Lefèvre*

andar de barco, aventurar-se em lugares perigosos e desconhecidos não são atividades para mulheres, são para homens, sujeitos de força e espírito aventureiro e desbravador.

Essa diferenciação de papéis sociais entre homens e mulheres, inclusive, é alvo de uma reflexão de Ana Selva e Zefa, pois a protagonista diz que parece ser sempre o pai quem decide todas as coisas. Na estruturação desse diálogo, Virgínia Lefèvre demonstra que as diferenças entre homens e mulheres não estão ligadas a uma certa hierarquização entre ambos os sexos. Essa diferenciação, explica-se em uma das narrativas, decorre do papel que cada um “nasceu” para desempenhar em nossa sociedade, fazendo com que homens e mulheres tenham sua importância na engrenagem social: os homens trabalham, mantêm o sustento da família e lutam em guerras; as mulheres cuidam do lar, dedicam-se à maternidade e assumem a educação dos filhos. Com isso, afirma Lefèvre, constituem “forças que se complementam” (Lefèvre, 1974b, p. 159).

Essa divisão de papéis sociais entre homens e mulheres incide também sobre uma outra importante representação presente nas narrativas da série: a de família. De modo geral, pode-se dizer que os Melo Ribeiro integram uma classe social cercada de privilégios, como uma típica família burguesa que:

[...] se estabiliza através da divisão do trabalho entre seus membros (ao pai, cabendo a sustentação econômica, e à mãe, a gerência da vida doméstica privada), converte-se na finalidade existencial do indivíduo. Contudo, para legitimá-la, ainda foi necessário promover, em primeiro lugar, o beneficiário maior desse esforço conjunto: a criança. (Lajolo; Zilberman, 2004, p. 17).

Nesse ponto é importante destacar que nas representações de família presentes nos livros da série, o casamento é visto como algo essencial na vida de homens e mulheres. Inclusive, adverte-se numa passagem que não é correto pessoas se “amigarem” e terem filhos sem consagrar o matrimônio de maneira oficial. Essa visão representada na série tem forte relação com a atuação filantrópica de Virgínia Lefèvre, que por meio da SPES investiu na regularização dos casamentos dos caiçaras de Ubatuba, como meio de regularizá-los também perante as normas sociais e os valores morais da época. Vê-se, com isso, que Virgínia Lefèvre advoga em sua literatura a favor de um modelo familiar tradicional, constituído por pai, mãe e filhos, sendo essa a base da felicidade e do progresso de todos os sujeitos.

Tendo em vista essa lógica, observa-se nas narrativas que compõem a série “Ana Selva” que, mais do que somente representar comportamentos e saberes que uma menina

deveria aprender, o projeto estético-pedagógico de Virgínia Lefèvre volta-se a um tipo de modelagem das emoções e dos sentimentos de seu público leitor, simbolizado pelo amadurecimento das meninas e sua passagem para o status de mulher adulta, pronta para constituir um lar a partir do casamento.

É no desenrolar das tramas, sempre sob a tutela dos adultos e do controle que esses exercem sobre ela, que Ana Selva vai se “ajustando” do ponto de vista sentimental e comportamental, de modo que isso se reflete em sua própria aparência: uma menina limpa, penteada, bem-vestida, sem deixar de expressar sua espontaneidade. O amadurecimento de Ana Selva se revela, também, no seu jeito mais quieto, introspectivo, silencioso e menos intempestivo. Ou seja, uma mulher conformada, tanto do ponto de vista dos papéis, quanto dos sentimentos e comportamentos, aos padrões patriarcais e misóginos que demarcam a formação social brasileira.

### **Considerações finais**

A partir da análise dos livros que compõem a série “Ana Selva”, escrita por Virgínia Lefèvre entre 1974 e 1975, é possível compreender como essa escritora, tradutora, adaptadora e filantropa sistematizou um projeto estético-pedagógico voltado à formação das meninas por intermédio da leitura literária. Esse projeto, pode-se dizer, estruturou-se em torno da ideia de representação do processo formativo da protagonista em direção à conquista da maturidade, o que perpassa a mudança de comportamento e sentimento e a introjeção de certos saberes e valores que configuram a visão de Virgínia Lefèvre sobre o papel da mulher em nossa sociedade.

Ao longo das seis narrativas, Ana Selva vai sendo confrontada por seu modo de ser e o modo como a sociedade “necessita” que ela seja. Com isso, a protagonista da série precisa deixar de ser tão espontânea, de comportar-se como menino, de abandonar seu jeito egoísta infantil e de aprender a controlar seus impulsos e ideias. Também avança em seu processo formativo escolar, desenvolve valores sobre a família, compreende a importância do casamento e, à despeito de sempre dizer que nunca se casaria e teria filhos, reconhece o valor da maternidade. Desse modo, Ana Selva caminha ao longo das seis histórias em direção à “evolução para a maturidade”, de modo a alcançar sua “evolução de caráter” (Lefèvre, 1974a; 1975a).

*Uma série literária voltada à formação das mocinhas brasileiras: Ana Selva (1974-1975), de Virgínia Lefèvre*

Importante salientar que ao se analisar alguns dos aspectos que constituem a configuração textual dos livros que integram a série “Ana Selva”, verifica-se uma estreita relação entre a atuação de Virgínia Lefèvre na SPES e o modo como ela constrói esse projeto estético-pedagógico para a infância feminina. Assim como por meio dessa entidade ela almejava promover certa civilização entre as crianças caiçaras, dando a elas educação escolar e estruturação familiar, as narrativas de Ana Selva também indicam movimento semelhante, já que grande parte dos enredos giram em torno da educação das meninas da família e os debates sobre casamento e sobre formação familiar. Além disso, assim como entendia Virgínia Lefèvre que os adultos, sejam na figura de professores, sejam na figura de pais, tinham importante papel na formação das crianças, em suas histórias protagonizadas por Ana Selva também os adultos estão sempre a tutelar as pequenas, dando a elas orientações e exemplos de como devem ser e se comportar.

Esse projeto estético-pedagógico de Virgínia Lefèvre encontra a simbiose perfeita com a política editorial da Tecnoprint, que tinha como principal foco de suas ações mercadológicas o campo educacional. Essa editora, ao idealizar a Coleção Calouro por meio da Edições de Ouro, tinha como meta ofertar às crianças brasileiras livros literários que pudessem “agradar” e “divertir”, ao mesmo tempo em que pudessem “instruir” e “educar”. Ou seja, tratava-se de colocar em circulação nas escolas um tipo de literatura “útil”, que pudesse atuar na conformação do caráter das crianças pelo reforço do exemplo positivo e pelo desaconselhamento dos comportamentos negativos, a fim de se formar a personalidade infantil dentro de certa visão de mundo e de sociedade dos adultos (Oliveira, 2015).

Por fim, ainda que seja difícil (e nem seja o propósito aqui) analisar os impactos que a leitura dos livros da série “Ana Selva” teve em seus leitores, pode-se dizer que eles, em alguma medida, alcançaram mérito e sucesso. Isso se observa pelas reedições que esses livros tiveram, mesmo num momento histórico de hiperprofissionalização das editoras, especialmente com foco no alcance do público leitor escolar, e no crescimento da produção literária destinadas a crianças e jovens no Brasil.

### **Referências**

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2. Ed. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1990. 243 p.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil/juvenil brasileira (1882-1982)**. São Paulo: Quíron, 2005. 963 p.

EM FAVOR DO CAIÇARA. **Correio Paulistano**. Ano 105, n. 31.539. São Paulo, 23 jan. 1959. 3º caderno. P. 2-2. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_10&pesq=virg%C3%Adnia%20Ief%C3%A8vre&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=46884](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_10&pesq=virg%C3%Adnia%20Ief%C3%A8vre&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.br&pagfis=46884). Acesso em: 11 nov. 2022.

ESTEVES, Ricardo Grisolia. Virginia Lefèvre e a S.P.E.S. **Núcleo de Documentação Luiz Ernesto Kawall (Doclek)**, 2014. Disponível em: <http://doclek.blogspot.com/2014/11/virginia-lefevre-e-spes.html>. Acesso em 25 set. 2021.

LABANCA, Gabriel Costa. **Dos anos dourados às Edições de Ouro: a Tecnoprint e o livro de bolso no Brasil (1930-1970)**. 215 fls. – Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **História da literatura infantil brasileira: história & histórias**. 6. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2004. 190 p.

LEFÈVRE, Virgínia Mele da Silva. **Relatório**. São Paulo, s.d. 6 p.

LEFÈVRE, Virgínia. **Ana Selva**. São Paulo: Editora Tecnoprint, Edições de Ouro, 1974a. 189 p.

LEFÈVRE, Virgínia. **Ana Selva na cabana de índio velho**. São Paulo: Editora Tecnoprint, Edições de Ouro, 1974b. 159 p.

LEFÈVRE, Virgínia. **Ana Selva em perigo**. São Paulo: Editora Tecnoprint, Edições de Ouro, 1974c, 175p.

LEFÈVRE, Virgínia. **Ana Selva contra a doença**. São Paulo: Editora Tecnoprint, Edições de Ouro, 1975a, 203p.

LEFÈVRE, Virgínia. **Ana Selva, a rebelde em sociedade**. São Paulo: Editora Tecnoprint, Edições de Ouro, 1975b, 172p.

LEFÈVRE, Virgínia. **Ana Selva e a pescaria**. São Paulo: Editora Tecnoprint, Edições de Ouro, 1975c, 184p.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. **História do ensino da literatura infantil na formação de professores no estado de São Paulo (1947-2003)**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. 356 p.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de.; SANTOS, Lais Silva Cassimiro dos. **Nelly Novaes Coelho: 100 anos dedicados à literatura**. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2022. 126 p.

PONDÉ, Glória. **O renascimento da Vênus: a mulher na literatura infantil**. São Paulo: SESI-SP, 2018.

*Uma série literária voltada à formação das mocinhas brasileiras: Ana Selva (1974-1975), de Virgínia Lefèvre*

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Rev. e Aum. Maringá: EDUEM, 2009. p. 253-260.

## Notas

<sup>i</sup> Localizado na Rua da Glória, no bairro da Liberdade em São Paulo, foi um colégio confessional, fundado em 1880, destinado exclusivamente ao público feminino até os anos de 1989. (Oliveira; Santos, 2022).

<sup>ii</sup> De acordo com notícia veiculada em abril de 1979, no jornal *A Tribuna*, de São Paulo, em 1938, Virgínia Lefèvre atuava como professora de Literatura Portuguesa. Em outra notícia, de abril de 1981, do mesmo jornal, afirma-se que em 1940, Virgínia Lefèvre era professora de História da Literatura Portuguesa e Brasileira.

<sup>iii</sup> Trata-se de uma organização fundada em 1932, durante a Revolução Constitucionalista, em São Paulo, que buscava abrir espaço à participação da mulher na articulação comunitária com raízes sociais em favor da melhoria da educação de base.

<sup>iv</sup> São Paulo. Decreto nº 2.226, de 11 de agosto de 1953.

<sup>v</sup> Ubatuba. Decreto nº 9.892, de 13 de março de 1972.

<sup>vi</sup> São esses títulos: *Aventuras de Barrigudinho* (Marquês Rebêlo e Arnaldo Tabaiá); *A noite dos grandes pedidos* (Dr. Ganymédes); *Contos de Grimm* (Maria Clara Machado); *A dança dos feiticeiros* (Christiane Dollard – Texto de Maria Helena Senise); *A gota de sol* (Christiane Dollard – Texto de Maria Helena Senise); *Ana Selva* (Virgínia Lefèvre); *Uma dobra no tempo* (Ivan Lessa); *Vinte anos depois* (Miécio Tati – Recontado do original de Alexandre Dumas); *As letras falantes* (Orígenes Lessa); *O diário de Adão e Eva* (Carlos Heitor Cony – Recontado do original de Mark Twain) e *Um chinês na China* (Carlos Heitor Cony – Recontado do original de Júlio Verne). Um dos títulos não foi possível identificar, pois a fonte utilizada para isso não está legível.

<sup>vii</sup> Na reedição da série nos anos 1980, a Tecnoprint alterou a destinação dos livros para meninas de 12 anos, quando também os livros passaram a integrar outra coleção: a Coleção até 12 anos, depois denominada Coleção Edijovem.

## Sobre os autores

### Fernando Rodrigues de Oliveira

Mestre e Doutor em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Líder do NIPELL - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Ensino de Língua e Literatura. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5609-550X>; e-mail: [fernando.oliveira13@unifesp.br](mailto:fernando.oliveira13@unifesp.br).

### Amanda Topic Ebizero

Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Professora da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. Integrante do NIPELL - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Ensino de Língua e Literatura. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0097-0739>; e-mail: [amanda.topic@hotmail.com](mailto:amanda.topic@hotmail.com)

Recebido em: 04/07/2025

Aceito para publicação em: 10/08/2025